

ARTE INDÍGENA: Desmistificando o ser indígena na escola pública e valorização do saber indígena

RIBEIRO, Jaú ¹

NASCIMENTO, Claudia ²

RESUMO: O presente artigo é um relato, estudo, análise, registro e interpretação dos fenômenos político-educacionais no seu estado natural de mundo. A investigação foi realizada na Escola Estadual Cacilda Braule Pinto, localizada na zona leste de Manaus, onde foi apresentado aos estudantes do sexto ano indígenas e não indígenas sobre a Arte Indígena, algumas tecnologias, práticas culturais e sempre referenciando-os a qual povo pertence. Foi também abordado o combate ao racismo através da arte para que os estudantes entendam como a cultura indígena está presente em suas vidas e quais as maneiras corretas de se referir aos Povos Indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: arte indígena; racismo indígena; cultura.

1 INTRODUÇÃO

Os Povos Indígenas somam mais de 305 povos só no Brasil, falantes de 274 línguas. O Amazonas concentra a maior população indígena do Brasil, cerca de 490,9 mil e só no município de Manaus 71,7 mil (IBGE, 2022). Somos 1,7 milhões de indígenas por todo o Brasil.

Um dado alarmante, são os índices de suicídio entre os Jovens Indígenas, 100 casos a cada 100 mil pessoas, 8 vezes maiores do que de não indígenas. Uma das principais causas são invasão dos territórios indígenas; afastamento das atividades tradicionais de subsistência; falta de perspectiva de vida; dificuldade no acesso à educação e emprego dignos; morosidade nas demarcações e proteção das terras; constante ameaça à vida, violência psicológica, física e/ou sexual; abuso de álcool e drogas; conflitos relacionados a sexualidade; ter um familiar que morreu por suicídio. (Cidacs/Fiocruz Bahia/ Harvard, 2023).

¹ Graduando em Licenciatura em Dança Jaú Ribeiro Vieira, Bolsista PIBID, IFRO, *Campus UEA*, jrv.dan22@uea.edu.br

² Professora Licenciada em Dança Claudia Cardoso Nascimento, PIBID, IFRO, *Campus UEA*, claudia.nascimento@seducam.pro.br

Trazer essa perspectiva para escola, dialogando sobre a temática com os estudantes indígenas e não indígenas é muito importante para o enfrentamento ao racismo e do que é ser indígena, num território onde ainda hoje somos retratados de maneira congelada no tempo, como selvagens e como houvesse uma única cultura indígena – sem considerar os diferentes povos existentes - sem levar em consideração a diversidade étnica e cultural que cada povo possui e os fatores que afetam a nossa saúde mental³.

A arte para os Povos indígenas faz parte do seu dia a dia, a cestaria nos entrelaçados de palha traz grafismos com significados comunicacionais de sua cultura, os instrumentos musicais que são tocados, para invocar os encantados a proteger o território, o cachimbo enfeitado com penas, para soprar antes de plantar a roça. Tudo isso é o bem viver Tupinambá!

Assim, presente pesquisa tem como objetivo realizar oficinas sobre arte indígena para reconhecimento dos estudantes da Escola Estadual Cacilda Braule Pinto, indígenas e não indígenas, com foco no combate ao racismo.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, do tipo descritivo e de corte transversal, possibilitando ao pesquisador, o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fenômenos no seu estado natural do mundo físico, que no caso desta pesquisa tem como elemento focal a cultura indígena e seus modos de viver.

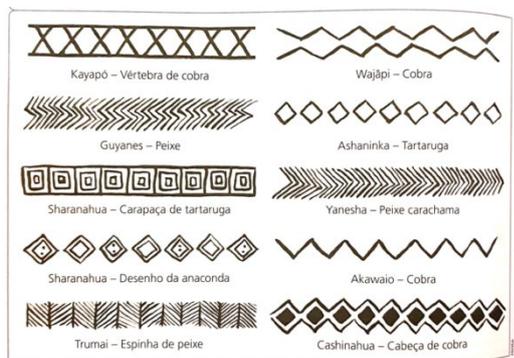
A investigação foi realizada na Escola Estadual Cacilda Braule Pinto, localizada na zona leste de Manaus. Os procedimentos foram divididos em 4 etapas, revisão de literatura, oficina de grafismos, aulas práticas sobre brincadeiras e roda de conversa sobre os temas abordados com estudantes de três turmas, da sexta ano, com estudantes entre 12 e 13 anos.

³ Pesquisadore Jaú Ribeiro pertence ao povo Tupinambá.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizada uma oficina de grafismo, sendo a atividade guiada pelo livro didático de Arte utilizado em sala de aula, compreendendo essa arte corporal também como mecanismo de proteção e de comunicação, ou seja, a “escrita” indígena.

Figura 1. Foto da página do antigo livro didático de Artes do sexto ano, onde apresenta o grafismo do povo ao qual pertence e o significado dele.



Fonte: Por toda parte 6, Livro didático, 2018, p. 126

Na sequência, foi realizada uma aula teórica sobre brincadeiras e brinquedos indígenas. Foram apresentadas do povo Guarani - Djatchy Djatere (Corrida de Saci Pererê), do povo Kalapalo - Toloí Kunhugu (Passarinhos e gavião), do povo Trumai - Arukakan (Brincadeira das Cócegas), do povo Xavante - Tobdaé (Queimada com peteca) e do povo Tikuna - Cabas-Maé (Pique-pega). Bonecas do povo Karajá - Ritxókò, a boneca de sabugo de milho do Povo Tupinambá e figuras feitas com fios barbantes do povo Macuxi. Como tarefa para casa, a produção de petecas do povo Xavante - Tobdaé, que depois foram utilizadas em prática. A brincadeira passarinhos e gavião, também foi realizada, onde desenharam com Giz na quadra.

Foi feita projeção da música/clipê Mara'á Canandé da cantora Weena Tikuna, e distribuído em sala os instrumentos musicais: Maracá do povo Tupinambá; pau de chuva e Ron Ron do povo Sateré Mawé; Awaí e Aruré do povo Tikuna para apreciação dos estudantes. Como tarefa de casa foi a produção do instrumento Pau de chuva ou Ahiãm como é conhecido na língua do povo Sateré Mawé. Depois de ensaiado a música foi feita uma Apresentação da música Mara'á Canandé, e convite, ao Professor Joilson Paulino Karapãna, que fez uma fala sobre a importância do ensino das línguas indígenas e da cultura indígena.

Na sétima aula foi ensinada a Dança na música da 'Farinhada', sendo essa uma música muito cantada no movimento indígena, onde os povos são chamados pelos nomes ao centro da roda para dançar. Também foi ensinada o tempo da música e letra, utilizando o instrumento Pau-de-chuva, feito pelos estudantes.

Outra aula foi utilizada a Música *Cerquita* da cantora indígena Brisa Flow do Povo Mapuche, onde foi apresentado um breve histórico da cantora, a música e sua tradução, sendo está uma música com palavras como *Abya Yala*⁴, que é como os povos andinos denominam a *América*⁵ (Referência ao colonizador *Américo*), trazendo essa outra narrativa. Em sequência foi feita uma prática coreográfica com os estudantes na música *Cerquita*.

As oficinas foram organizadas de maneira prática e teórica. A primeira oficina foi de grafismo, onde foi abordado termos corretos dos Povos Indígenas, assim como a quantidade de povos e a diversidade cultural de cada povo. Também foi apresentado aos estudantes como fazer a tinta de jenipapo, onde apresentei um vídeo dela sendo feito e em seguida pintando a minha mãe, sendo esse um conhecimento passado de gerações. Em seguida foi utilizando o livro didático como suporte, questionado o significado e ao povo pertencente o grafismo desenhado no copo-território deles pelo pesquisadore⁶.

Figura 2. Estudante mostrando os grafismos que desenhcou no caderno, com grafismo desenhado em seu braço. Professore mostrando as tintas naturais jenipapo e urucum, mesa com frutas das tintas e alguns materiais onde estão aplicados os grafismos além do corpo, mas também no maracá, na cuia, no pacará



⁴ ABYA YALA, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento.

⁵ "Segundo relatos históricos, o nome América advém de uma homenagem feita a um italiano chamado Américo Vespúcio, explorador que viveu entre 1454 e 1512"
Disponível em "A origem do nome América" em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-origem-nome-america.htm>>

⁶ Jáú Ribeiro, autore se identifica como pessoa trans não binária/dois espíritos, e utiliza os pronomes Elu/delu. Na língua tupi não existe marcação de gênero como no Latim.

Fonte: Arquivo pessoal de autore, 2023.

Antes de apresentar perguntei, quem já tinha brincado de peão, peteca, pique pega, cabo-de-guerra, dentre outras brincadeiras, a maioria já tinha brincado, em seguida expus que eram brincadeiras indígenas, ou seja, eles já conhecem parte da nossa cultura, vivem a nossa cultura, porém não sabem a origem dessas brincadeiras que são indígenas e a qual povo pertence.

Em seguida foi pedido para eles produzirem em casa petecas do Povo Xavante, que na aula seguinte utilizamos para brincar em quadra e a brincadeira dos passarinhos e gavião do Povo Kalapalo. A turma foi dividida em dois, e foram desenhadas duas árvores no chão pelos próprios estudantes com giz, depois de explicadas as regras, ficaram brincando até a hora de acabar a aula. Um dos estudantes autistas venceu a brincadeira, mesmo com certa dificuldade de locomoção.

Figura 3. Brincando de Peteca na quadra que os próprios estudantes produziram, e estudante desenhando árvore com giz para brincadeira de passarinhos e gavião do povo Kalapalo -Toloi kunhungu.



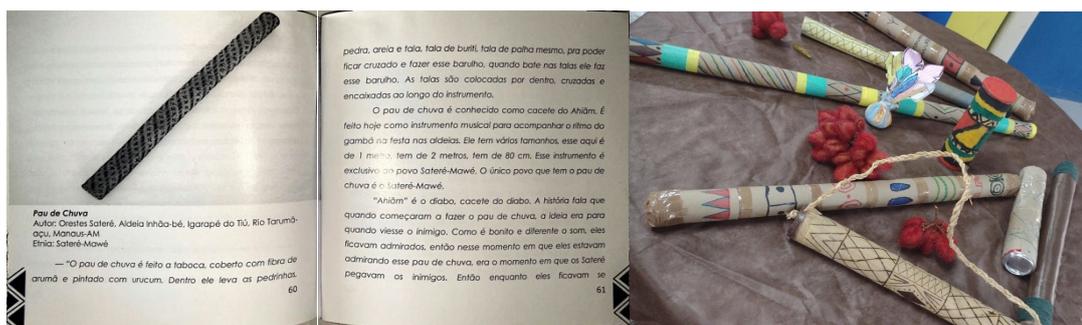
Fonte: Arquivo pessoal de autore, 2023.

Os estudantes conheceram alguns instrumentos musicais indígenas: Maracá, pau de chuva, *Awaí*, *Aruré* e o Ron Ron. Instrumentos principalmente do Povo Sateré Mawé e do Povo Tikuna. Após a apresentação dos instrumentos foi ensinada a Música '*Mara'á Canandé*', em português a Grande Festa, na versão da cantora Weena Tikuna.

As crianças vibraram ao som da música e da dança do vídeo, pegaram os instrumentos e vieram dançar com professore na frente da sala, sem que fosse incentivado, espontâneo delas, amarrando os *Awaí* nos seus pés, a maioria cantando junto, se mostraram bastante interessados, conhecendo algo novo.

A dança indígena está atrelada à música, aos instrumentos musicais nas mãos ou no calcanhar ou na panturrilha com maracas e chocalhos, sendo itens essenciais a Dança indígena, logo a música/instrumentos musicais e a dança são indissociáveis. De atividade, foi solicitado que criassem o pau de chuva/ Ahiãm com arroz e pedrinhas que foram utilizados na apresentação da escola em celebração ao Dia dos Povos Indígenas⁷.

Figura 4. Página do encarte do DVD do Grupo Kuiá que explica sobre como é feito o Ahiãm e sua história a esquerda. E a direita Ahiãm e peteca feita pelos estudantes



Fonte: Grupo Kuiá, 2021; Arquivo pessoal de autora, 2023.

Outra atividade desenvolvida foi apresentação da Música 'Mara'á Canandé', e Fala do Professor Joilson Paulino Karapãna, do povo Karapãna da escola Wakenai Anumarehit do Parque das Tribos, bairro que concentra a maior população indígena de Manaus, cerca de 35 povos presentes. Falando sobre a importância do aprendizado das línguas indígenas na preservação da cultura. E exposição no espaço da escola as obras de grafismo, instrumentos musicais e brinquedos desenvolvidos pelos estudantes.

Figura 5. Apresentação na escola dos estudantes e fala do professor Joilson Karapãna da Escola Indígena Wakenai Anumarehit do Parque das tribos. Exposição das obras desenvolvidas pelos estudantes como petecas e pau de chuva

⁷ O Dia do Índio, comemorado todo 19 de abril, passa a ser chamado oficialmente de Dia dos Povos Indígenas. É o que define a [Lei 14.402, de 2022](#) Fonte: Agência Senado



Fonte: Arquivo pessoal de autore, 2023.

Na Dança da farinha, a música foi escrita e impressa para os estudantes do sexto ano. A música possui 4 tempos, essa parte musical foi trabalhada, além da dança em roda. A técnica da dança indígena Tupinambá, o Toré ou Porancim, onde dançamos e fazendo a marcação do pé direito, batendo firme e forte, com os joelhos levemente flexionados, fazendo barulho ao bater o pé em 4 tempos. O olhar vai ao chão e ao centro da roda, pois é uma forma de honrar e dançar para e junto com a mãe terra.

Figura 6. Treinamento da dança da Farinhada com o sexto ano



Fonte: Arquivo pessoal de autore,, 2023.

Na sequência, foi apresentada a Música *Cerquita* da cantora indígena Brisa Flow do Povo Mapuche, onde foi feito breve histórico da cantora e apresentado a música e sua tradução, sendo está uma música com palavras como *Abya Yala*, que é como os povos andinos denominam a *América*, trazendo essa outra narrativa. A música tem palavras na língua indígena e em espanhol, pois alguns estudantes são da Venezuela e da Argentina, e como observado em sala de aula, alguns sofriam xenofobia pelos colegas, então trazer essa música, criou uma reação de pertencimento, onde o estudante argentino interagiu bastante com a aula. Antes ele

não falava nada, e nessa aula, ele foi um dos mais dançantes e tirou dúvidas, ficou próximo para aprender os passos. A participação de outro professor também foi essencial, pois ele ficou ensinando as estudantes de baixa visão, de maneira mais próxima.

Figura 8. Oficina de dança e música contemporânea da cantora indígena Brisa Flow



Fonte: Arquivo pessoal de autore, 2023.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo indígena, pude observar, ao estudar sobre outros povos o quanto somos diversos e o quanto temos especificidades. Acredito que para os estudantes foi uma quebra, ao compreender que já brincavam jogos indígenas, não existindo esse afastamento que às vezes podem sentir e como essa cultura faz parte no nosso dia a dia nortista, seja na alimentação ou seja nas práticas culturais. Também foi interessante observar em um episódio um estudante disse índio, e todos os outros o corrigiram ele em coro: “É INDÍGENA!”.

Alguns estudantes também chegaram em mim e disseram que eram indígenas, outros que sua mãe era, mas não se reconheciam como, e fiz esse diálogo de se compreenderem também como indígenas, pois ainda se tem essa visão que indígena só se nasce na Aldeia, sendo que 1,1 milhão (63,27%) de indígenas moram fora de terras demarcadas, nas cidades e grandes centros urbanos (IBGE, 2022). No geral os estudantes nas primeiras oficinas práticas mostraram muito interesse, ficaram muito animados, e questionando bastante.

O ensino de arte indígena nas escolas públicas é muito importante para compreensão de onde estamos, que esse território é indígena, que merecemos respeito, no combate ao racismo e que mesmo os não indígenas, compartilham dessa cultura.

Nos vendo de maneira mais próxima, real e presente, as crianças deixam de reproduzir falas, atitudes preconceituosas e racista com os povos indígenas. Assim ao chegar vindo de aldeias, ou habitantes da cidade, a convivência com não indígenas pode se tornar mais amistosa e acolhedora das nossas vivências e conseqüentemente a valorização dos nossos saberes o que beneficia diretamente a nossa saúde mental enquanto indígena. Por um Brasil, onde não tenhamos que explicar toda vez algo simples, como a diferença dos termos índio e indígena. Mas que nos compreende como primeiros habitantes desse território, que valorize nossos saberes e tecnologias ancestrais, demarque nossas terras e aprenda cada vez mais nossas culturas, traga à tona nossa real história a muitos séculos apagada por uma só narrativa.

5 AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos à minha Comunidade Guajará, no estado do Pará, minha mãe Maria Bela que sempre me ensinou sobre nossa cultura, à Universidade Estadual do Amazonas (UEA), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de financiamento 001, à Coordenadora de Área, M^a Carmen Lúcia M. Arce, à Supervisora, Professora Cláudia Cardoso, ao Professor Indígena Joilson Paulino Karapãna e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Sem o apoio e a colaboração dessas instituições e pessoas dedicadas, este trabalho não teria sido possível. Agradeço profundamente por todo o suporte e orientação fornecidos ao longo deste projeto.

REFERÊNCIAS

BERTOLINI, Carolina. **Performance musical e reconhecimento: a etnomusicologia da relação entre os povos Sateré-Mawé e Tikuna através do estudo do grupo musical Kuiá, da Aldeia Inhãa-bé**, Manaus – AM, 2016. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura) Universidade Federal do Amazonas, 2016.

CABRAL, U.; GOMES, I. **Censo 2022 Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal.** Agência IBGE notícias, Rio de Janeiro, 07 de agosto de 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal#:~:text=Os%20dois%20estados%20com%20maior,%2C%20com%2071%2C7%20mil>

Cerquita Brisa Flow. Letras, letras de música, 2023 Disponível em: <https://www.letras.mus.br/brisa-flow/cerquita/>.

COSTA, Larissa. **Taxa de suicídio entre indígenas é mais que o dobro da população brasileira, afirma estudo.** Cidacs Centro de Integração de dados e Conhecimentos para Saúde, Bahia, 3 de outubro de 2023. Disponível em: <https://cidacs.bahia.fiocruz.br/2023/10/03/taxa-de-suicidio-entre-indigenas-e-mais-que-o-dobro-da-populacao-brasileira-afirma-estudo/#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20pesquisa,a%20cada%20100%20mil%20habitantes>

FERNANDES, M. **Brincadeiras indígenas.** Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/brincadeiras-indigenas/>.

FRANCO, I. 13 **Brincadeiras Indígenas.** Escola Educação. 2019. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/10-brincadeiras-indigenas/>.

UTUARI, S.; FERRARI, P.; KATER C.; FISCHER B. **Por toda parte 6 componente curricular arte** 2 ed., São Paulo, FTD, 2018. P. 100-127.